

A VARIAÇÃO NO CAMPO SEMÂNTICO-LEXICAL CICLOS DA VIDA: UMA ANÁLISE SOCIODIALETAL DO PORTUGUÊS MARANHENSE

Laís Lima de Almeida (UFMA)¹

Resumo: O presente trabalho analisa a variação semântico-lexical ocorrida no estado do Maranhão no campo das atividades agropastoris, com ênfase nas práticas pecuárias e nos processos de denominação relacionados à cria da vaca recém-nascida, como nos casos das lexias “minjolo” e “garrote”. Para isso, a pesquisa utiliza dados do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), projeto alinhado ao Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia e da Geolinguística Pluridimensional, conforme os estudos de Cardoso (2010), Aguilera (2005, 2002, 1999), Ramos, Bezerra e Rocha (2010), Razky (2010) e Santos (2019). A análise fundamenta-se em procedimentos metodológicos quantitativos e qualitativos, por meio da coleta das respostas à questão 49, adicionada ao Questionário Semântico-Lexical (QSL/ALiMA), em 16 localidades distribuídas pelas cinco mesorregiões do território maranhense. Este estudo visa contribuir para o entendimento da diversidade lexical do português maranhense, evidenciando a importância de registrar e valorizar as variações que integram a herança oral de comunidades locais, além de revelar a forte familiaridade do povo maranhense com práticas pecuaristas tradicionais, ao passo que demonstra como essas experiências do cotidiano moldam o léxico regional e reforçam sua presença entre diferentes gerações e grupos sociais.

Palavras-chave: ALiMA. Atividades agropastoris. Geolinguística. Variação lexical.

1. INTRODUÇÃO

A língua é uma manifestação viva e dinâmica que reflete as transformações históricas, culturais e sociais de uma comunidade. O léxico, nesse contexto, expressa as realidades materiais e imateriais dos falantes e carrega marcas de sua história, de suas práticas sociais e de seus modos de vida. No Brasil, a diversidade cultural e geográfica torna a língua portuguesa um campo fértil para o estudo das variações linguísticas. O Maranhão, marcado por influências indígenas, africanas e europeias, exemplifica essa riqueza ao apresentar particularidades linguísticas que refletem os modos de vida de suas populações em diferentes localidades.

O interesse pelas especificidades do português maranhense levou à criação do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), alinhado ao Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com o

¹Acadêmica do curso de licenciatura em Letras - Espanhol pela Universidade Federal do Maranhão (lima.lais@discente.ufma.br). Prof^a Orientadora: Georgiana Márcia Oliveira Santos, Grupo de Pesquisa em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas. PIBIC-Voluntário.

objetivo de mapear e analisar as variações linguísticas presentes no estado. O ALiMA ampliou a análise das variedades locais por meio da inclusão de questões adicionais ao questionário semântico-lexical nacional, buscando captar de forma mais precisa a realidade sociolinguística maranhense. Entre os campos semânticos abordados, destacam-se Atividades Agropastoris, Ciclos da Vida e Religião e Crenças, que refletem práticas culturais, sociais e econômicas locais.

Este estudo tem como objetivo analisar a variação semântico-lexical nesses campos, avaliando a produtividade das questões adicionais do ALiMA e investigando fatores socioculturais que influenciam as variações lexicais. Com base nos dados coletados em 16 localidades maranhenses, a pesquisa busca compreender como o vocabulário reflete a identidade regional e contribui para o mosaico linguístico brasileiro, reforçando a importância da preservação do patrimônio linguístico.

De forma mais específica, o trabalho concentra-se no campo semântico das atividades agropastoris, destacando situações fundamentais relacionadas à criação bovina no estado, como o nascimento e os primeiros estágios da vida do animal. Nesse recorte, analisa-se a questão 49 do questionário semântico-lexical do ALiMA, que investiga as formas de nomear a cria da vaca quando ainda é nova, considerando a familiaridade dos informantes com a prática e as fases da vida e desenvolvimento do animal.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento deste estudo se deu através de uma abordagem qualitativa e quantitativa a partir do uso de dados coletados pelo ALiMA em 16 pontos de inquérito, representando as cinco mesorregiões do estado: Norte, Oeste, Centro, Leste e Sul. As etapas metodológicas incluem:

- Pesquisa bibliográfica com base em livros e artigos científicos focados na geolinguística e sociolinguística;
- Levantamento do corpus: Revisão das transcrições e organização dos dados coletados referentes à questão 49;

- Produção de cartas linguísticas que representem de maneira gráfica as variações lexicais encontradas;
- Identificação e análise de fatores socioculturais que influenciam as variações, como idade, gênero e localização geográfica.

A metodologia adotada nesta pesquisa foi fundamentada nas abordagens metodológicas da dialetologia, geolinguística e da sociolinguística, áreas que proporcionam um suporte teórico para a análise dos dados relacionados ao campo semântico-lexical de Atividades Agropastoris do ALiMA e do ALiB. Esses enfoques possibilitam a investigação que a influência da delimitação geográfica tem na língua falada pelas comunidades maranhenses, permitindo também a análise de como fatores sociais como idade, gênero, escolaridade e localização geográfica, afetam as variações lexicais e proporcionam uma compreensão aprofundada das dinâmicas linguísticas e das variáveis sociais e geográficas na formação das particularidades linguísticas locais.

Para a elaboração das cartas linguísticas, foi adotado como critério de seleção das variantes a frequência de ocorrência, desconsiderando respostas que apenas reproduziam fragmentos da pergunta, como aquelas que continham a palavra “sorte” em diferentes formas. Por outro lado, termos dicionarizados foram mantidos, uma vez que representam o entendimento padronizado da prática ou fenômeno linguístico abordado, sendo igualmente relevantes para o levantamento da diversidade lexical e para a análise sociolinguística da realidade maranhense. As variantes escolhidas refletem, assim, não apenas seu número absoluto de ocorrências, mas também sua representatividade regional, observada por meio da distribuição entre as cinco mesorregiões do estado.

As cartas linguísticas foram construídas a partir dos cinco principais resultados de cada questão analisada, devidamente identificados por legendas. No caso da análise diasssexual, as cartas indicam, por meio das esferas 1 e 2, os dados fornecidos por informantes do sexo feminino e masculino, respectivamente. Para a análise diageracional, as cartas seguem a mesma lógica, com a esfera 1 representando a faixa etária I (18 a 30 anos) e a esfera 2 a faixa etária II (50 a 65 anos). Essas representações permitem visualizar com clareza tanto a frequência geral quanto a variação conforme sexo/gênero e faixa etária, facilitando a identificação de traços de uso lexical marcadamente regionais ou intergeracionais.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Geossociolinguística e Dialetoлогия

A geossociolinguística é um campo da linguística que busca compreender como a variação da língua está relacionada a fatores geográficos e sociais. Segundo Cardoso (2008), a dialetologia moderna deve considerar não apenas a distribuição geográfica das variantes linguísticas, mas também variáveis socioculturais, como idade, gênero e grau de escolaridade dos falantes. Essa abordagem amplia a compreensão das influências externas sobre a língua, permitindo a análise detalhada de mudanças linguísticas em curso.

A dialetologia tradicional concentrava-se na identificação de isoglossas e na delimitação de áreas dialetais, mas, com o avanço da sociolinguística, tornou-se evidente a necessidade de integrar fatores extralinguísticos. Labov (1994) destaca que a variação linguística não ocorre de maneira arbitrária, mas segue padrões que podem ser analisados a partir da interação entre diferentes fatores sociais e geográficos.

3.2. Variação Lexical e Formação de Dialeto

A variação lexical é uma das formas mais evidentes de diferenciação entre comunidades linguísticas. O léxico de uma língua é dinâmico e reflete processos históricos, contatos interlinguísticos e a influência de práticas culturais locais. Conforme Coseriu (1982), a variação lexical pode ser classificada de acordo com três dimensões principais: diatópica (variação espacial), diastrática (variação social) e diafásica (variação situacional). No caso do Maranhão, a variação lexical observada em diferentes comunidades evidencia a coexistência de termos tradicionais e de influências linguísticas externas.

Os dialetos, por sua vez, são variações regionais sistemáticas de uma língua, caracterizados por diferenças fonéticas, morfossintáticas e lexicais. Segundo Chambers e Trudgill (1994), os dialetos não devem ser vistos como formas inferiores da língua padrão, mas sim como manifestações legítimas da diversidade linguística. A variação lexical dentro dos dialetos maranhenses pode ser analisada a partir da interação entre o português padrão e os regionalismos preservados ao longo do tempo.

3.3. Geolinguística e o Estudo da Variação Dialetal

A geolinguística se desenvolveu a partir da necessidade de mapear e documentar as diferentes formas linguísticas presentes em uma determinada área. Desde os primeiros atlas linguísticos, como o Atlas Linguistique de la France (ALF) de Gilliéron e Edmont (1903), até os atlas regionais brasileiros, como o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), essa metodologia tem permitido a identificação de padrões linguísticos e suas respectivas áreas de ocorrência.

A metodologia geolinguística consiste na aplicação de questionários padronizados a informantes selecionados conforme critérios sociolinguísticos. A análise dos dados coletados permite identificar regularidades e mudanças na distribuição dos itens lexicais. Segundo Thun (2000), os atlas linguísticos contemporâneos passaram a adotar uma abordagem pluridimensional, incorporando não apenas a variação diatópica, mas também a diastrática e a diafásica. Esse modelo tem se mostrado eficaz para compreender a relação entre a língua e os diferentes grupos sociais que a utilizam.

3.4. A Importância da Documentação da Variação Lexical

O estudo da variação lexical desempenha um papel crucial na documentação e preservação das línguas e dialetos. No contexto do Maranhão, onde há grande diversidade cultural e histórica, a análise da variação semântico-lexical pode contribuir para a valorização dos falares locais e para o registro da influência de diferentes matrizes linguísticas. Conforme Cardoso (2008), a preservação da diversidade lexical é fundamental para garantir que particularidades regionais não sejam perdidas ao longo do tempo.

Além disso, a documentação linguística pode fornecer subsídios para políticas públicas voltadas para o ensino da língua, ajudando a reconhecer e respeitar as variedades linguísticas existentes. Estudos geolinguísticos permitem, ainda, compreender como o contato entre diferentes grupos linguísticos influencia a inovação e a conservação de termos específicos em cada comunidade.

A variação semântico-lexical reflete a interação entre língua, cultura e sociedade. O referencial teórico apresentado destaca a importância da geossociolinguística, da dialetologia e da geolinguística para a compreensão dessas variações, fundamentando a análise da diversidade lexical no Maranhão. A investigação de fenômenos dialetais e lexicais não apenas contribui para a descrição das variações linguísticas, mas também para a valorização das identidades culturais e da riqueza do português falado em diferentes regiões do Brasil.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

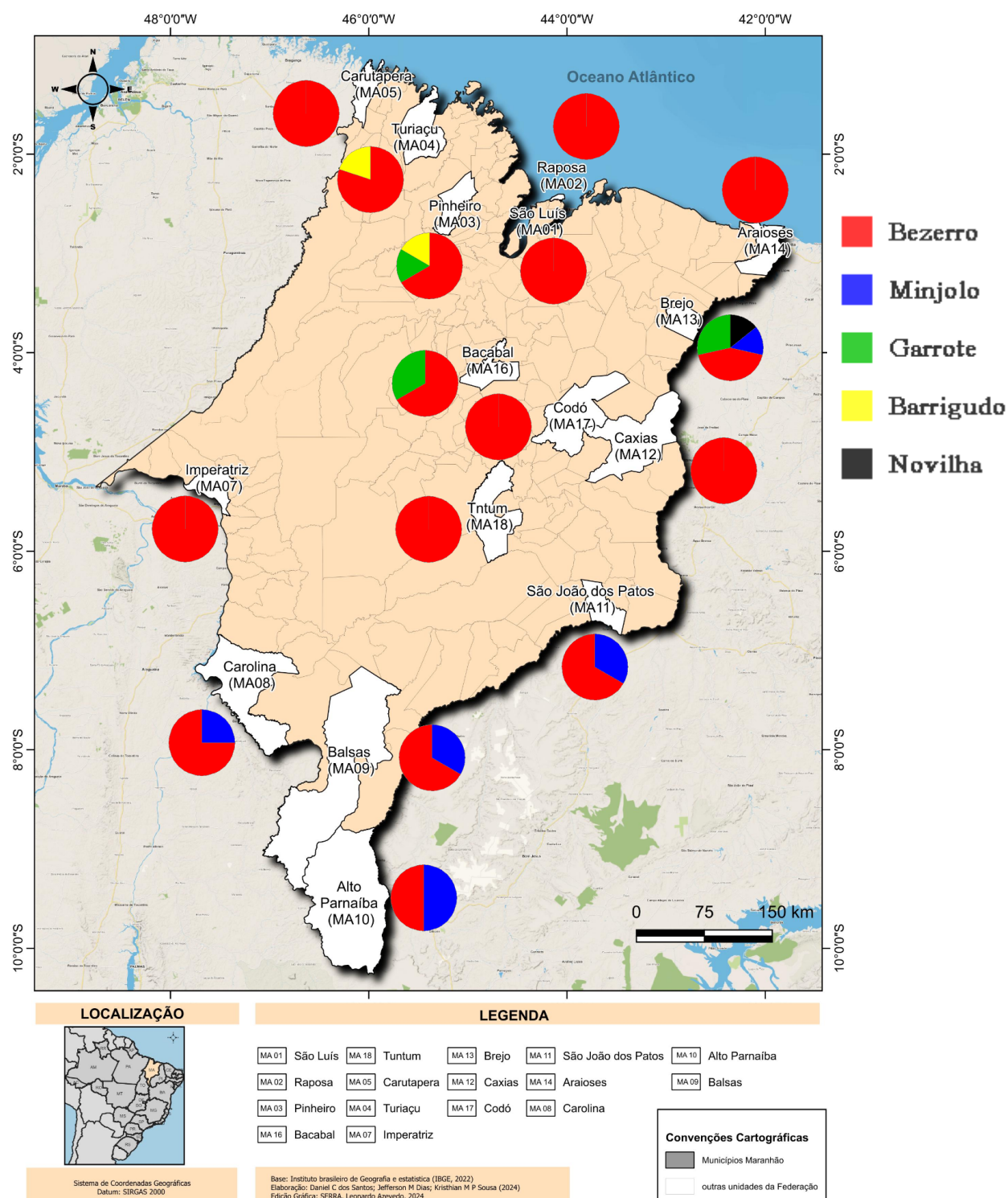
Esta seção apresenta a análise da variação semântico-lexical observada nas entrevistas do ALiMA, com foco na distribuição geográfica e nas influências socioculturais sobre as denominações para três conceitos específicos: a cria da vaca recém-nascida, a vigília dos defuntos e a percepção linguística sobre indivíduos considerados azarados. A investigação revelou padrões lexicais distintos entre diferentes mesorregiões do Maranhão, refletindo a diversidade histórica e social da região.

De modo geral, os resultados da questão 49 evidenciam a coexistência entre uma forma lexical amplamente difundida e variantes menos frequentes, mas social e regionalmente marcadas. Embora a denominação “bezerro” se apresente como a forma predominante entre os informantes, a presença de outras lexias revela um repertório linguístico diversificado, associado a diferentes contextos geográficos e perfis sociais. Essas variações, ainda que quantitativamente menores, demonstram que o léxico relacionado à criação bovina no Maranhão não é homogêneo, refletindo especificidades locais e a permanência de denominações que coexistem com a forma padronizada.

4.1. Variações lexicais para *a cria da vaca*

A questão de número 49, adicionada pela equipe do ALiMA ao questionário semântico-lexical, busca encontrar denominações de informantes maranhenses para “a cria da vaca quando nova”, apresentando cinco principais resultados.

4.1.1. Análise diatópica



Fonte: autora

A análise das respostas para a designação da cria da vaca recém-nascida revelou uma predominância do termo “bezerro”, forma dicionarizada e amplamente difundida no país, com 78,46% dos resultados. O termo também apareceu diversas vezes no diminutivo, reforçando a

pouca idade do “bezerrinho”. Não houveram diferenças relevantes relacionadas à escolaridade, visto que na capital São Luís (MA01) todos os informantes utilizaram a forma padronizada. No entanto, o estudo identificou variações regionais que evidenciam a riqueza do repertório linguístico local. Em municípios localizados em áreas mais periféricas do estado destacam-se formas que sugerem um arquétipo lexical específico dessa área.

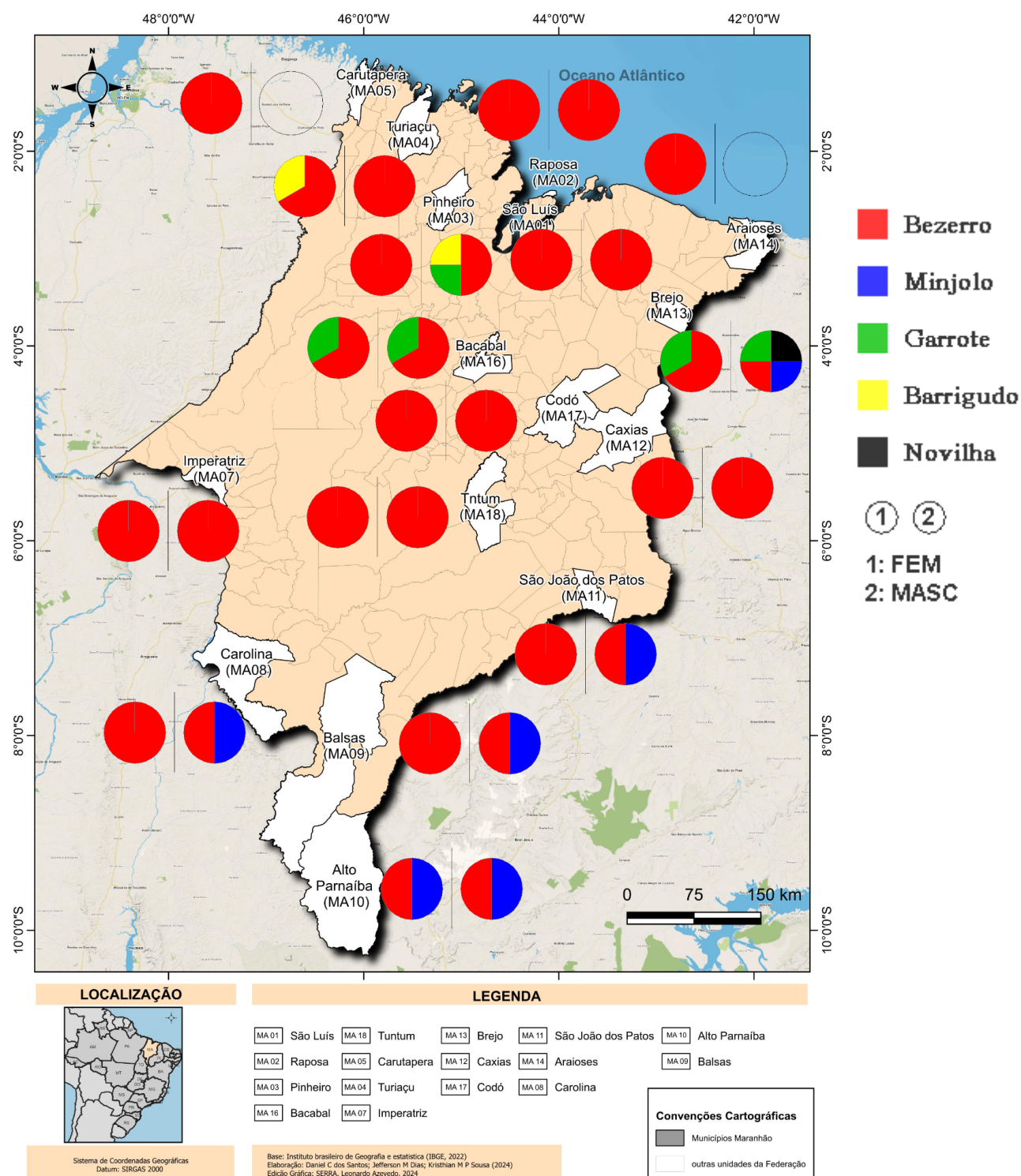
A lexia “minjolo”, em alguns momentos pronunciada como “mijólo”, “minjóli” ou “mijóli”, apresentou ocorrências em cinco localidades: São João dos Patos (MA11) e Brejo (MA13), localizadas a leste do estado, e Carolina (MA08), Balsas (MA09) e Alto Parnaíba (MA10), situadas na mesorregião sul maranhense. Suas seis ocorrências totalizam 9,23% das respostas gerais.

“Garrote” ou “garrota” obtiveram cinco registros em municípios próximos, Pinheiro (MA03), no norte, e Turiaçu (MA04), no oeste, sendo uma forma utilizada em alguns casos para especificar um período entre a fase de “bezerro” e um boi adulto, com base em diferenciações de peso confirmadas por estudos do núcleo Giro do Boi do Canal Rural. A lexia “barrigudo” ou “barrigudinho” foi registrada somente duas vezes.

O termo “novilha” foi utilizado somente uma vez, possivelmente por ser mais associado à cria do sexo feminino, e resultou em 1,54%. Apesar disso, designações como “novilho” são comuns no estado do Maranhão devido à forte cultura do bumba-meu-boi, com atrações como o BMB Novilho Branco, BMB Novilho dos Lençóis, etc.

“Filote”, registrada em Balsas (MA09), não foi considerada variação lexical, mas uma alteração fonética/fonológica de “filhote”, termo mais abrangente que pode designar as crias de quaisquer animais. Esses achados demonstram a influência de fatores diatópicos e socioculturais sobre a variação lexical no estado.

4.1.2. Análise diassexual

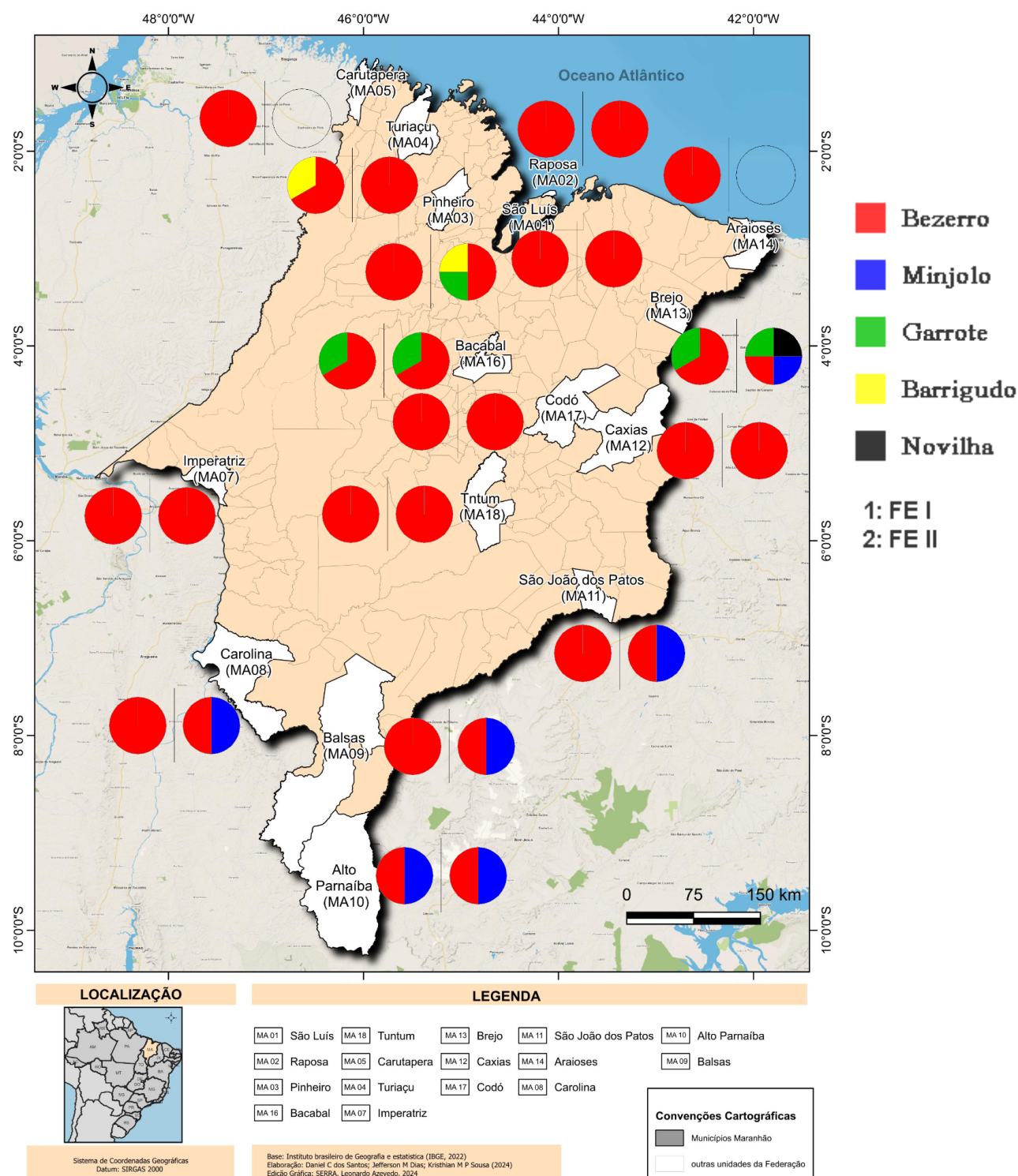


Fonte: autora

A variante “bezerro” foi utilizada quase igualmente entre homens e mulheres em números absolutos (FEM.: 26 / MASC.: 25), mas com diferenças percentuais: 89,66% entre

mulheres e 69,44% entre homens. A lexia “minjolo” foi utilizada exclusivamente por informantes do sexo masculino, representando 16,67% dentre suas respostas e podendo indicar maior familiaridade dos homens com atividades pastoris, assim como o termo “garrote” ou “garrota”, que foi empregado por 4 informantes do sexo masculino (11,11%) e apenas 1 informante do sexo feminino (3,45%). Já a lexia “barrigudo” foi utilizada por uma informante do sexo feminino (3,45%) e por um informante do sexo masculino (2,78%). “Novilha” foi registrada apenas uma vez por um informante do gênero feminino, completando mais uma vez a porcentagem em 3,45%. Logo, é notável o uso de terminologias mais padronizadas entre mulheres, enquanto homens utilizam outras denominações de maneira mais variada.

4.1.3. Análise diageracional



Fonte: autora

Do ponto de vista diageracional, a palavra “bezzerro” foi mais utilizada por informantes da faixa etária I (18 a 30 anos), com 29 ocorrências (87,88%), em comparação com as 22

ocorrências (68,75%) da faixa etária II (50 a 65 anos). O termo “minjolo” apresentou apenas 1 ocorrência na faixa I (3,03%) e 5 ocorrências na faixa II (15,62%), demonstrando maior uso entre homens mais velhos, o que indica que pode desaparecer entre gerações mais novas. A lexia “garrote” foi registrada em 2 ocorrências na faixa I (6,06%) e 3 ocorrências na faixa II (9,38%), evidenciando como o termo ainda se mantém entre gerações mais jovens, além das mais velhas. A lexia “barrigudo” foi registrada uma vez em cada faixa etária, sendo 3,03% entre os mais novos e 3,12% entre os mais velhos. Esses resultados indicam que, apesar da predominância de “bezerro” em todas as análises, as variações “minjolo” e “garrote” tendem a ter maior concentração entre homens mais velhos, ao passo que “bezerro” se mantém amplamente difundido entre todos os perfis sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da variação lexical associada à questão 49 evidencia como fatores socioculturais influenciam as formas de denominar elementos do cotidiano ligados à criação bovina. As diferentes escolhas lexicais observadas revelam que a nomeação da cria da vaca quando ainda é nova não ocorre de maneira aleatória, mas está relacionada às experiências, aos saberes e às práticas sociais dos falantes. Nesse sentido, refletir sobre essas denominações permite compreender a língua como um espaço de memória coletiva e de construção identitária, no qual práticas sociais e modos de vida são registrados, compartilhados e transmitidos por meio do léxico.

Sob a ótica da geossociolinguística, a diversidade lexical observada revela como o Maranhão, marcado por uma intensa confluência de influências étnico-sociais, preserva traços de sua identidade cultural mesmo diante das transformações históricas e do contato com outras variedades do português na contemporaneidade. As denominações registradas na Q49 evidenciam a convivência entre tradição e mudança, demonstrando que a língua funciona como um reflexo da sociedade maranhense ao conservar práticas culturais associadas ao universo agropastoril, ainda que inseridas em um contexto de constante reorganização social e linguística.

Assim, os dados linguísticos analisados a partir da questão 49 evidenciam que, mesmo em um cenário marcado pela diversidade e por transformações constantes, a língua mantém a

memória coletiva das comunidades. A permanência de determinadas escolhas lexicais reafirma a relevância de compreender o Maranhão como um espaço em que a pluralidade não apenas coexiste, mas atua de forma ativa no fortalecimento de uma identidade linguística singular, expressa nas formas de nomear elementos vinculados aos modos de vida locais e às práticas tradicionais.

4. REFERÊNCIAS:

- AGUILERA, Vanderlei A. (Org.). A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Ed. da UEL, 2005.
- _____. Caminhos da dialetologia: os Atlas lingüísticos do Brasil. In: HENRIQUES, C. C.; PEREIRA, M. T. G. (Org.). Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos. São Paulo: Contexto, 2002. p.77-92.
- _____. ALiB: considerações sobre o Questionário Léxico-semântico. A Cor das Letras, Feira de Santana, v.1, n.3, p.203-215, 1999.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A geolinguística no Brasil: tradição e inovação. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. Geolinguística: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. Dialectology. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- Houaiss, Antônio (1915-1999) e Villar, Mauro de Salles (1939-). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. ISBN 85-7302-383-X.
- LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.
- MARANHÃO, Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. Poranduba maranhense. In: Revista de geografia e história. São Luís: Separata, 1946. n. 1. dez.
- MOITINHO, Fábio. Novilha ou garrote: qual tipo de animal é a aposta certa para iniciar um confinamento?. Giro do Boi: Canal Rural, 23 fev. 2024. Disponível em: <https://girodofoi.canalrural.com.br/pecuaria/tecnologia-e-inovacao/novilha-ou-garrote-qual-tipo-de-animal-e-a-aposta-certa-para-iniciar-um-confinamento/>. Acesso em: 2 jul. 2025.
- RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. (Orgs.) Pelos caminhos da Dialetologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas: homenagem a Socorro Aragão. São Luís: EDUFMA, 2010.
- _____. Estudos Sociodialetais do Estado do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2019.
- ROMANO, A. L. Balanço crítico da geolinguística brasileira. Revista de Estudos Linguísticos, v. 37, n. 1, p. 31-48, 2009.
- RAZKY, Abdelhak; SANCHES, Romário Duarte. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. In: Dans Estudos Linguísticos e Literários. n. 41, Programme de Pos-graduação en Langue et Culture, Salvador: EDUFBA, 2010.
- SANTOS, Marco Bispo. Sociolinguística, teoria social e padronização linguística. Revista de Estudos da Linguagem, Bahia, Brasil, v. 26, ed. 2, p. 687-718, 2019.